

A PERCEPÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE SANTA HELENA (PR) SOBRE O SEU TRABALHO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Nilce Koch de Moura¹

Maristela Rosso Walker²

Resumo: Ao refletir sobre os problemas enfrentados pelos Catadores de Materiais Recicláveis – CMR, objetivamos analisar os principais problemas enfrentados pelos Catadores durante a separação dos Resíduos Sólidos Recicláveis – RSR, realizada na Associação dos Agentes Ambientais de Santa Helena – AAA-SH. Questiona-se: quais as dificuldades que os Catadores encontram na sua rotina de trabalho em relação ao comportamento da população santa-helenense no descarte dos resíduos sólidos recicláveis? A metodologia é qualitativa por meio de entrevista e notas de campo, utilizando da análise de conteúdo para a apresentação dos resultados. Para os Catadores, a população não faz a separação em suas casas, avaliando esse processo como ruim.

Palavras-chave: Resíduos Sólidos Recicláveis, Catadores, Educação Ambiental.

Abstract: While reflecting about problems faced by Recyclable Material Collectors - RMC, we aim to analyze the main problems faced by the Waste Pickers during the separation of the Recyclable Solid Waste – RSW, performed at the Association of Environmental Agents of Santa Helena – AEA-SH. This makes questionable: What are the difficulties that the waste pickers find in their working routine in relation to the population behavior of santa-helenense in the disposal of recyclable solid waste? The methodology is qualitative through interviews and notes of fields, using the analysis of content to present the results. To the Waste Pickers the inhabitants do not separate properly in their houses, evaluating this process as bad.

Keywords: Recyclable Solid Waste, Collectors, Environmental Education.

¹Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: nilcekm18@gmail.com

²Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: maristelawalker@gmail.com

Introdução

O crescimento da população urbana, aliado à expansão do número de residências nas cidades, vem acompanhado pelo consumo excessivo de resíduos, acarretando um desequilíbrio ambiental. A população faz uso de materiais, alimentos, equipamentos, enfim, de itens necessários à sobrevivência humana, sem a preocupação com a sua destinação final. Obter informações sobre a situação dos RSR descartados e conhecer melhor o trabalho desses trabalhadores nos possibilita informar e orientar a população para uma separação e destinação diferentes desses materiais, com a ampliação do conhecimento da população acerca do assunto para se chegar à redução do descarte de resíduos, que é um dos causadores do desequilíbrio ambiental. Simonetto e Borenstein (2006, p. 449) destacam que as razões do baixo índice de reciclagem vêm da má condição no descarte desses resíduos feito pela própria população, devido à falta de informação sobre a coleta seletiva, aos custos gerados ao município para realizar a coleta e devido à capacidade de armazenamento e processamento nas usinas.

Esta pesquisa se origina a partir de visitas à AAA-SH, local onde pudemos conhecer mais intimamente o trabalho realizado pelos Catadores e a forma como os materiais são manipulados. Para Luttner, Silva e Ferreira (2016, p. 362), esse trabalho é feito por homens e mulheres em situação de exclusão social ou mesmo em situação de baixa escolarização ou mesmo pela idade mais avançada. São situações vulneráveis que muitos não conseguem se desfazer e assim permanecem desafiando suas limitações. Desafios que, segundo Luttner, Silva e Ferreira (2016, p. 363), caracterizam-se em duas dimensões: a social, dos catadores, e a ambiental, do lixo.

Na questão social, esses Catadores passam por diversos tipos de desconfortos, como a exclusão ocasionada pelo desrespeito ao trabalho realizado por eles. À medida que esses trabalhadores mantêm seus esforços na recolha e separação desses resíduos, o meio ambiente deixa de receber material poluidor, que a cada dia intensifica os impactos ambientais. Isso influencia na dimensão ambiental do lixo citada pelos autores, que destacam, também, o crescimento da coleta de reciclável nos últimos anos, que vem sendo um dos trabalhos importantes para a diminuição dos materiais na natureza.

No município de Santa Helena, a recolha dos RSR é realizada diariamente e os resíduos são levados para a AAA-SH, onde é feita a separação. Nesse ambiente, deparamo-nos com uma quantidade considerável de material que é descartado pela população – o que nos trouxe muitas inquietações. Várias cargas diárias descarregadas, mostrando o quanto a população se desfaz de materiais que, em diversas situações, poderiam ser reaproveitados. No entanto, existe uma facilidade no descarte e na aquisição de produtos em escala comercial, acarretando acúmulo. As condições com as quais os Catadores se deparam permitem que eles emitam sua opinião a respeito da forma como a população de Santa Helena descarta seus RSR,

ocasionando mau cheiro, proliferação de micro-organismos e outros perigos enfrentados.

Este artigo apresenta, inicialmente, uma revisão teórica sobre o trabalho executado pelos CMR baseado em literatura recente a partir de artigos e livros. E, na busca para entender como os Catadores da AAA-SH realizam esse trabalho e quais são suas opiniões em relação ao seu dia a dia, fomos participar desse processo, utilizando visitas e entrevistas como instrumentos de coleta de dados. Cabe salientar que este trabalho é parte de resultado de pesquisa realizada em nível de mestrado, aprovado pelo comitê de ética em pesquisa sob o número CAE 5.164.753. Nos resultados, apresentamos, por meio da análise de conteúdo, os relatos das situações que os Catadores vivenciam e que afetam seu trabalho, bem como a percepção no descarte dos RSR pela população em suas casas, e que chegam até eles para que manipulem e façam a separação, salientando quais as maiores dificuldades encontradas e o que esperam da população para que o trabalho de Catador seja respeitado e valorizado.

Fundamentação teórica

Para falarmos de EA, precisamos, neste contexto em que estamos pesquisando referente ao trabalho realizado por Catadores, entender o envolvimento do homem com a natureza, o que vem a ser a natureza para a humanidade. Segundo Ribeiro e Cavassan (2013, p. 64), “[...] o conceito de natureza pode variar conforme os grupos sociais de diferentes lugares e épocas, ou seja, passa a ser elaborado a partir das relações sociais construídas espaço-temporalmente”. A sociedade, no momento histórico vivido, define qual a percepção ou entendimento de natureza, de acordo com a cultura de cada grupo.

Como afirma Nagai,

Nossa sociedade traz como herança da modernidade a hegemonia da razão, a objetividade, o mecanicismo, a mensuração, o rigor científico e tecnológico que expressam a dualidade ou dicotomia entre natureza e cultura, razão e emoção, corpo e mente, ciências humanas e naturais ou ainda a fragmentação do conhecimento (NAGAI, 2023, p. 7).

São muitos os desafios na atualidade que Nagai (2023, p. 7) relata através da herança da modernidade, trazendo a degradação ambiental, a desigualdade social e a piora na qualidade de vida. Para uma natureza limpa e com um olhar cada vez mais voltado ao futuro que queremos, é necessária a preocupação com o meio em que vivemos, entendendo que quanto mais cuidarmos, melhor será a vivência para as novas gerações. A natureza é vista de diversas maneiras, tudo porque cada grupo social age, pensa e se comporta de modo diferente. Nagai (2023, p. 8) relata sobre os alertas mundiais que vêm

Revbea, São Paulo, V.19, Nº 1: 130-156, 2024.

se espalhando devido às ações humanas nos impactos ambientais. Pode-se dizer que a depreciação humana pela natureza acaba apresentando a não integração entre homem e natureza.

Nesse contexto, o homem, preocupado com seu bem-estar, busca formas de diminuir as ações negativas, prejudiciais à natureza. Podemos citar aqui o trabalho feito pelos Catadores, que, em seu incansável trabalho, buscam tirar do meio os materiais que acabam impactando o ambiente.

No processo de reciclagem e limpeza das cidades, é fundamental a participação dos Catadores. Para Dias, Morais e Sales (2016, p. 409), esse trabalho dos Catadores faz com que a visão da cidade seja totalmente diferente do que a população a torna com o crescente descarte de resíduos, sendo eles fundamentais para o processo de reciclagem e que proporcionam, através da coleta, cidades mais limpas.

Alguns dos principais motivos que levam as pessoas a trabalhar com a coleta de resíduos sólidos, segundo Castilhos Junior *et al* (2013, p. 3.116), são “o desemprego e a não qualificação do trabalhador para os novos empregos que surgem, subdesenvolvimento, pobreza, falta de apoio aos pobres e demandas industriais por matéria-prima”. O desemprego é o motivo apresentando também pelos Catadores da nossa pesquisa, seguido da escolaridade.

Medeiros e Macedo (2006, p. 64) buscaram refletir sobre a exclusão social que vivem muitas pessoas que fazem o trabalho de recolha de lixo urbano. A população acaba por excluir esses trabalhadores devido ao trabalho sujo que executam. Muitos moradores os desrespeitam pela maneira de descartar o lixo, não fazendo a separação correta, expondo-os a situações desagradáveis, enfrentando o mau cheiro e a proliferação de micro-organismos. Para Castilhos Junior *et al.*,

[...] dificuldades apontadas, os próprios catadores citam diversas patologias: verminoses, infecção intestinal (diarreia), gripe, leptospirose, dengue, meningite, dor de cabeça, dor de dente, febre, alergia e náusea, sendo que a possibilidade de cura determina a importância da doença (Castilhos Junior *et al*, 2013, p. 3.116).

São dificuldades a que os Catadores ficam expostos cotidianamente em seu trabalho. Diante dessa condição, há uma necessidade de se compreender a questão ambiental para que, assim, possamos repensar ações que auxiliem nesse processo, como o gerenciamento correto dos resíduos, seguido da diminuição do descarte e, cabe citar, também, a reutilização. Em relação aos comportamentos das pessoas, muitas vezes gerados por impulso, Layrargues afirma que

A moda e a propaganda provocam um verdadeiro desvio da função primária dos produtos. Ocorre que a obsolescência planejada e a descartabilidade são hoje elementos vitais para o modo de produção capitalista, por isso encontram-se presentes tanto no plano material como simbólico (Layrargues, 2002, p. 4).

A EA carrega em seu bojo uma visão de conscientização nos comportamentos e atitudes das pessoas, relacionados àquilo que faz parte da vida do ser humano, ou seja, relacionados a um todo, tentando direcionar comportamentos tradicionais para um novo modo de pensar e agir. Para Leff (2001, p. 210), “A Educação Ambiental entende-se, portanto, como a formação de uma consciência, fundada numa ‘nova ética que deverá resistir à exploração, ao desperdício e a exaltação da produtividade concebida como um fim em si mesma’”. É este processo de formação e conscientização que leva ao fim do desperdício. Para Lemos (2023, p. 53), “A Educação Ambiental (EA) é um processo de aprendizado contínuo, fundamentado em todas as formas de vida. Ela enfatiza valores e ações que contribuem para a transformação humana e social, assim como a preservação ecológica”. Este aprendizado contínuo diz tudo para quem quer levar informações ou mesmo para quem deseja mudanças.

Metodologia

Esta pesquisa consiste em uma pesquisa qualitativa porque se baseia na observação direta do comportamento ou nos dados narrativos dos participantes. Como afirmam Mendes e Miskulin (2017, p. 4), “são inúmeros “retalhos” que precisam ser unidos para responder à questão de investigação que nos propusemos e alcançar os objetivos”. Para Franco (2005, p. 33), o delineamento da pesquisa se dá em coletar e analisar dados para que, assim, possa responder à pergunta que o pesquisador pretende com a pesquisa. Durante seu desenvolvimento, realizamos visitas para conhecer a AAA-SH e compreender como são realizados os trabalhos pelos Catadores. Para alcançar nossos objetivos, realizamos uma entrevista no local de trabalho dos Catadores, além de acompanharmos, durante um período de 30 dias, a separação e a pesagem dos resíduos sólidos. Participaram desta entrevista 10 Catadores, que foram escolhidos de forma voluntária e individual, para que não se sentissem pressionados a participar nem ficassem com vergonha, pois responderam a perguntas relativas ao trabalho que desenvolvem e sobre dados socioeconômicos. Todos os entrevistados tinham mais de 18 anos e eram membros da AAA-SH.

A entrevista com os Catadores tinha como finalidade a obtenção de respostas relativas a perguntas de cunho pessoal; outras, relacionadas às atividades realizadas no local como também ao pensamento em relação às ações e comportamentos voltados à educação ambiental, como avaliam o

descarte feito pela população, as dificuldades enfrentadas e as opiniões referentes ao potencial desses RSR em reaproveitamento.

A entrevista foi gravada com o gravador de voz do celular e, posteriormente, salva em *pen drive* e no *notebook* pessoal em pastas separadas, para maior segurança dos dados. Foram 18 perguntas que, no decorrer da entrevista, puderam ser complementadas com algo que fosse relevante, pois, como afirma Bardin (1977, p. 30), “os analistas que estão preparados poderão durante a investigação ‘inventar’ novo recurso que poderá favorecer sua investigação”, sendo, se necessário, criado métodos, novas perguntas que pudessem ajudar no que se pretendia alcançar com a entrevista. Os participantes eram livres quanto às respostas ao questionário.

A partir da utilização dos instrumentos de coleta de dados, tais informações foram analisadas por meio da análise de conteúdo. A respeito da análise de conteúdo, Franco (2005, p. 13) discorre que ela pode ser “verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada”. Entendemos, por meio desses registros e nas notas de campo, que todos trazem uma representação ou expressão que será considerada e, assim, serviu para análise da pesquisa. Outro instrumento de análise que nos auxiliou na apresentação dos resultados foi a nuvem de palavras do aplicativo *Voyant Tools*, deixando em destaque as respostas com mais repetição.

Resultados

Para iniciar as atividades com os Catadores, realizamos a apresentação do projeto e esclarecemos algumas dúvidas. Organizamos um café coletivo e, assim, pudemos nos conhecer melhor e trocar algumas informações, além de realizar a recolha das assinaturas dos participantes da pesquisa. Após essa etapa, iniciamos as entrevistas, gravando as respostas dos 10 Catadores, os quais tiveram uma boa participação e aceitação, podendo, deste modo, conhecer um pouco do trabalho que cada um realiza e ouvir suas opiniões referentes às ações que envolvem seu trabalho. As perguntas de número 12 a 18 forneceram informações dos participantes sobre idade, formação escolar, turno de trabalho, tempo que atua como Catadores, renda mensal, número de dependentes e condição de moradia e o motivo de ser catador. Optamos por deixar essas perguntas para o final para que não afetassem as demais respostas, deixando os Catadores mais à vontade. As respostas são apresentadas sem a identificação dos participantes, sendo apresentados como: P-1, P-2, P-3, P-4, P-5, P-6, P-7, P-8, P-9 e P-10.

Os Catadores relataram que possuem idade entre 18 e 52 anos. Dos 10 entrevistados, 2 não estudaram; 2 possuem o ensino médio; 3 não completaram o ensino fundamental; e 3 não completaram o ensino médio. Essa informação revela que a escolaridade dessa amostra de população é 50% pela não conclusão da Educação Básica, corroborando dados de outras pesquisas que compreendem que a educação é determinante para a melhoria da qualidade de vida da população. Obtivemos 100% de respostas dos

trabalhadores que trabalham no período da manhã e da tarde. Eles realizam atividades de coleta e separação das 7h30 às 11h30, no período matutino; no período vespertino, iniciam às 13h e encerram o trabalho às 17h. Ao serem questionados sobre quanto tempo já trabalham naquele local, apenas um dos entrevistados possui pouco tempo de trabalho na Associação; os demais passam de 2 anos; e a maioria deles trabalha de 8 a 12 anos. Em relação à renda familiar, obtivemos respostas com renda entre 1 a 2 salários. Essa informação revela as condições de sobrevivência desses indivíduos, que se aproximam dos dados do IBGE ao mostrar que o rendimento médio domiciliar *per capita* de 2020, para a região sul do Brasil, é de R\$ 1.597,00, demonstrando que o salário dos Catadores está de acordo com os rendimentos de grande parte dos brasileiros. Como mostra o Sistema de Indicadores Sociais de 2021 do IBGE,

O rendimento médio domiciliar *per capita* de 2020 foi de R\$ 1.349 para o total da população brasileira. As Regiões Sudeste (R\$ 1.623), Sul (R\$ 1.597) e Centro-Oeste (R\$ 1.504) apresentaram os rendimentos mais elevados, enquanto os menores estavam nas Regiões Norte (R\$ 896) e Nordeste (R\$ 891) (Brasil, 2021, p. 48).

Ao observarmos anos anteriores de rendimento domiciliar *per capita* das regiões do Brasil, segundo o IBGE 2021, não há diferença relevante entre os valores, tendo em vista que a média no Brasil em 2020 era de 1.349 reais.

Comparando a renda de alguns municípios que fizeram parte do Resumo Executivo da Pesquisa Ciclossoft 2020, os valores recebidos pelos Catadores, em sua maioria, ficam entre $\frac{1}{2}$ e 2 salários no geral. A renda média dos Catadores em função do salário-mínimo, apresentado pela Ciclossoft 2020, indica que recebem menos de $\frac{1}{2}$ salário-mínimo; 43,72% de $\frac{1}{2}$ e 1 salário; e 42,99% recebem entre 1 e 2 salários mínimos. Isso comprova a relação com o salário recebido pelos Catadores de Santa Helena (SH/PR). Sabe-se da importância do papel que o Catador tem com nossas produções de lixo, pois quanto mais consumimos, mais dependemos do Catador para nos desafogar com os RSR que acumulamos. A coleta feita por esses trabalhadores precisa de valorização, da mesma maneira que ressalta Gouveia:

Nesse contexto, destaca-se o papel dos catadores, que vêm realizando um trabalho de grande importância ambiental. Dadas as fragilidades desse segmento populacional, é preciso delinear políticas públicas que tornem a atividade de catação mais digna e com menos riscos e que, ao mesmo tempo, garantam renda, para assim caminhar rumo a um desenvolvimento mais saudável, justo e sustentável (Gouveia, 2012, p. 1.503).

Percebe-se as fragilidades que os Catadores possuem e se faz necessário um olhar mais direcionado tanto para as condições que enfrentam para a realização de suas funções, funções laborais, bem como em relação às necessidades financeiras.

Os participantes da entrevista na AAA-SH informaram que possuem poucos dependentes; a maioria, 2 dependentes; e apenas um entrevistado possui 5 dependentes. Analisando os números de dependentes e comparando com a renda citada, entende-se que essas famílias precisam estar envolvidas em programas sociais e auxílios que possam oferecer melhorias nas condições de rendimento, para que não estejam em situação de vulnerabilidade econômica. Essa classe é vista por muitos como vulneráveis ou fragilizados, mas os direitos desses Catadores precisam ser executados. Gouveia (2012) tem uma visão em relação aos Catadores que possibilita explorar as condições e valorização que necessitam, afirmando que:

Entretanto, é preciso considerar o contexto já institucionalizado de vulnerabilidade, precariedade e fragilidade das condições de trabalho dos catadores. Assim, diante da emergente institucionalização da PNRS, e de modo a não reproduzir o efeito perverso da exclusão e da exploração desse segmento de trabalhadores, é importante que se delineiem políticas públicas que articulem aspectos sociais (saúde, segurança do trabalho, autogestão, cidadania, inclusão entre outras), econômicos (geração de renda, redução de custos, mercado entre outros) e técnico-ambientais (qualidade, eficiência entre outras) (Gouveia, 2012, p. 1.509).

Vê-se a necessidade de igualdade entre os atendimentos, oferecendo oportunidades de melhorias em suas condições tanto em aspectos sociais, econômicos quanto técnico-ambientais.

A maioria dos Catadores da AAA-SH possui casa própria, o que é um aspecto positivo para a renda que recebem: 50% dos entrevistados possuem casa própria; 30% vivem em casas alugadas; e 20% em casas cedidas. Se compararmos com os dados do Censo, 70% dos brasileiros moram em casa própria, sendo que 62% vivem em domicílios quitados e 8%, financiados. Ainda segundo a pesquisa, 27% das pessoas pagam aluguel e 3% moram em casa emprestada. Os dados socioeconômicos levantados junto aos participantes da pesquisa nos permitem afirmar que os Catadores que possuem casa própria constituem um número abaixo dos representados pelo Censo realizado em 2021, com 3.186 pessoas das diferentes regiões do Brasil.

As perguntas seguintes, de 1 a 11, foram relacionadas ao trabalho realizado pelos Catadores e ao tema da pesquisa, mostrando as dificuldades encontradas, mesmo sendo um trabalho que todos relataram gostar. Os sujeitos da pesquisa afirmaram que encontram inúmeras dificuldades devido à falta de atenção de uma parte da população, a qual não realiza a separação

dos materiais, implicando nas péssimas condições de trabalho para esses Catadores. Normalmente, as situações desagradáveis às quais são submetidos são: mau cheiro, separar o RSR em meio ao Resíduo Sólido Orgânico (RSO), animais mortos junto ao RSR, material de higiene pessoal (papel higiênico, absorvente, fralda etc.) entre os RSR, dentre outros. São muitas as dificuldades enfrentadas, mas, mesmo assim, entre eles existe uma harmonia, um ambiente de respeito e descontração durante o trabalho. Para observarmos melhor os conhecimentos e opiniões dos Catadores em relação às perguntas que nos remetem diretamente ao trabalho desenvolvido e sua relação com as questões ambientais e dos resíduos sólidos, foi necessário transformá-las em nuvens de palavras, quadros e gráficos.

Ao serem indagados sobre as atividades que desenvolvem em seu trabalho, os Catadores responderam que seus afazeres estão voltados para a separação dos RSR, como: papelão, pet, sacolinha, alumínio, dentre outros. Alguns realizam o trabalho de prensar os materiais já separados, formando os blocos individuais de cada tipo de RSR. A separação dos RSR acontece após os materiais chegarem com os caminhões e serem descarregados. Na sequência, vão para as esteiras onde é feita a separação manual dos RSR, como: plásticos (separados pela cor, qualidade, tipo do material etc.), papel (branco, colorido, papelão etc.), vidro (quebrado, inteiro, modelo, etc.), metal, isopor, etc., e os RS que não são recicláveis caem diretamente da esteira em entulhos e descartados ali próximo em um terreno da prefeitura. Após uma determinada quantidade de material separado, é feito o processo na prensa, transformando esses RSR em fardos individuais. Esses fardos são acumulados até serem recolhidos pelos caminhões para serem pesados e terem sua destinação correta.

Sobre os equipamentos de segurança, percebemos que todos (100% dos entrevistados) recebem equipamentos de segurança, como: bota, luva, protetor de ouvido, uniforme, óculos, avental e máscara. Entretanto, alguns não gostam de usar tais equipamentos, mesmo que estes lhes proporcionem maior segurança; muitos acham que alguns itens acabam atrapalhando; outros não usam simplesmente por não gostarem de usar. Esta pergunta deixa clara a preocupação que a Associação tem com a saúde e com a segurança de seus funcionários, como também evidencia que há um rigor ao seguir normas exigidas pela equipe de segurança do município. Podemos citar dentre os materiais oferecidos pela Associação: bota, luva, óculos, protetor auricular, máscara e uniforme. A Lei nº 6.514, de 22 de dezembro de 1977, em seu artigo 158, incumbe o funcionário “ao uso dos equipamentos de proteção individual fornecidos pela empresa” (Brasil, 1977). Percebemos, assim, que todo equipamento oferecido pelo empregador deve ser utilizado pelo empregado, para sua segurança e em cumprimento às leis existentes. Compreende-se, desta maneira, a necessidade do uso desses equipamentos, o que, além de oferecer maior segurança aos Catadores, também demonstra que o presidente é responsável, mostrando-se preocupado com seus funcionários e obedecendo às leis do trabalhador. O trabalho que realizam faz com que

Revbea, São Paulo, V.19, Nº 1: 130-156, 2024.

pois a maioria (60%) afirma que poderia haver uma melhor separação. Essa separação de resíduos deveria ser feita nas casas das pessoas, antes de serem encaminhados para a Associação. A separação exigida pelos Catadores é apenas do RSO com o RSR. Em nenhum momento da entrevista houve questionamento ou indagações referentes à separação de RSR (vidro, papel, plástico etc.). As críticas são concernentes a uma maneira de facilitar seu trabalho, pois o material misturado suja o material bom e causa um cheiro muito desagradável no local de separação.

A questão da separação se destaca entre as repostas e nos induz a um trabalho coletivo educacional que envolve a EA, a qual exige a participação de toda a população, em suas casas, no trabalho ou nas ruas. É necessário que cada pessoa contribua para que possamos concretizar alguns dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), salientada pela Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável:

Objetivo 13. Tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos;

Objetivo 15. Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade;

Objetivo 16. Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis (Agenda 2030, 2015).

A separação dos RSR integra os ODS, devido ao impacto que causam no ambiente e a relevância que eles possuem se reaproveitados, diminuindo seu descarte e aumentando seu reaproveitamento. Porém, isso só é possível dependendo da maneira como a população realiza a separação dos RS para que eles tenham condições de reutilização ou reciclagem – o que é inviável se os materiais forem descartados de modo inadequado.

O serviço de reciclagem ainda é irrisório no país, pois há pouca coleta seletiva. Contudo, as quantidades de RSR descartados têm aumentado, necessitando de incentivos aos municípios para promover a coleta seletiva. Gouveia (2012) afirma que

Para melhorar esses índices, é preciso incentivo à coleta seletiva com adequada separação dos diversos materiais, tanto no momento da geração do resíduo – nesse caso pela população devidamente informada para desempenhar esse papel – quanto nas centrais de triagem. Nesse aspecto, ressalta-se novamente o papel que os catadores de materiais recicláveis vêm desempenhando nessa cadeia produtiva. (Gouveia, 2012, p. 1.507).

Revbea, São Paulo, V.19, Nº 1: 130-156, 2024.

Essas informações para sensibilizar sobre a maneira correta de descarte, ou sobre a reutilização do material antes do seu descarte, devem ser levadas à população e, também, aos locais de ensino, para que crianças e adolescentes façam parte desse processo, pois sabemos que eles serão o futuro das gerações e a tarefa de preservar e cuidar do meio ambiente, tornando-o mais sustentável, dependerá deles. Como ressaltam Melo, Chagas e Giesta (2023, p. 20), “salienta-se que a educação infantil é um campo fértil para trabalhar as questões relacionadas ao meio ambiente, visto que as crianças são mais abertas à aquisição de novos conhecimentos”, iniciando com os menores e, assim, levando as informações inerentes para que a ideia cresça junto com o indivíduo.

Para Melo, Chagas e Giesta (2023),

Assim, o trabalho deve ser desenvolvido de forma contínua, objetivando a construção de uma sociedade mais sustentável. Nesse sentido, a escola e os professores devem estar instruídos para trabalhar as questões ambientais com os estudantes desde a primeira etapa da educação básica, na perspectiva da construção de competências e habilidades para que as crianças, ao se depararem com problemas ambientais, possam desenvolver atitudes sustentáveis relacionadas à preservação de nossos recursos naturais. (Melo; Chagas; Giesta, 2023, p. 20).

As competências precisam ser trabalhadas para que cada um saiba lidar com problemas que tendem a surgir ao longo de sua vida. A conservação ambiental, por exemplo, é uma questão sobre a qual ouvimos e nos deparamos há muitos anos, mas que precisa ser melhorada e a ela dada maior transcendência a cada dia.

Se voltarmos no tempo, o processo de separação de resíduos já é uma prática que ocorre desde 1994, ou seja, há mais de 28 anos. Nesse período, inúmeras campanhas foram realizadas, além de pesquisas de acompanhamento e políticas aprovadas, tais como a aprovação da Política Nacional de Resíduos Sólidos, Lei nº 12.305/2010, que determina que todos os municípios brasileiros devem oferecer a coleta seletiva para população. Um relatório detalhado de como se comportam os municípios brasileiros em relação aos RS é encontrado no Resumo Executivo da Pesquisa Ciclosoft 2020, mostrando que dos 301 municípios que fornecem os dados, mais de 40 milhões de pessoas são atendidas. Assim, a cobertura para a população atendida e a população total estimada para esses municípios chega a 72,64%. A cobertura do atendimento a esses municípios foi realizada tanto na área urbana, com 74,18%, quanto na rural, com 69,48%.

A pergunta **“Como você avalia o descarte feito pela população de Santa Helena?”** evidencia que os Catadores percebem a falta de consciência da população, pois muitos moradores ainda não realizam a separação em suas casas. Na avaliação dos sujeitos da pesquisa, a separação é considerada ruim (Figura 2).

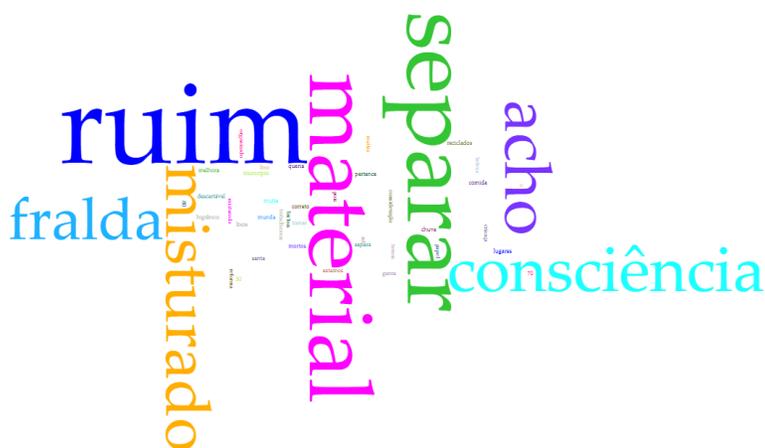


Figura 2: Nuvem de palavras mais frequentes sobre a avaliação do descarte, nas respostas dos Catadores de Materiais Recicláveis da AAA-SH. **Fonte:** Autoria própria (2023).

Três Catadores, em seus relatos, avaliam o descarte como ruim, contabilizando 30% das respostas obtidas; dois, que correspondem a 20% dos entrevistados, acham que uma pequena porcentagem ainda precisa melhorar; e um diz que está bom, o que corresponde a 10%. No entanto, se compararmos a questão anterior, a maioria relatou que a separação era vista como maior dificuldade. Assim, continuamos observando que esse problema vem se alastrando em todas as perguntas. Como afirma Nagai (2023, p. 21), estamos vivenciando desastres e catástrofes e, em vez de agirmos, ficamos assistindo. Somos meros espectadores de um mal que nós mesmos estamos disseminando.

Como afirma Ribeiro e Cavassan,

Ao considerarmos o meio ambiente como sendo constituído de elementos que envolvem ou cercam uma espécie ou indivíduo em particular, que são relevantes para o mesmo e que entram em interação efetiva, esse conceito passa a ser geral e abrangente, contemplando as particularidades de cada organismo e não se restringindo unicamente ao *Homo sapiens*. Tem como elemento central o próprio organismo (Ribeiro; Cavassan, 2013, p. 74).

Se estamos cercados de um meio do qual precisamos para viver, de uma natureza rica em beleza e repleta de coisas boas para que consigamos o bem-estar que desejamos, é necessário e nos faz, obrigatoriamente, pensar e repensar as ações negativas, que trazem prejuízo ao meio em que vivemos. É, de fato, um importante assunto esse trazido nas respostas dos Catadores, relatando ser um lixo ruim e que, talvez, nem possa ser reaproveitado ou reciclado.

A palavra “ruim” fica em destaque, o que demanda ações educacionais que precisam ser retomadas; e uma mudança cultural que demanda tempo,

Revbea, São Paulo, V.19, Nº 1: 130-156, 2024.

mas que já existiu e continua existindo, demonstrando a necessidade de um trabalho permanente de EA. Cita-se como exemplo as atividades realizadas com crianças e adolescentes, para as quais desde o início de suas vidas é necessário incluir hábitos saudáveis, comportamentos adequados para um menor impacto ambiental. Para Rohde (2003), “o homem está ameaçado em sua própria vida pelo que ele mesmo produziu” (Ladrière, 1988, apud Rohde, 2003, p. 35). Compreendemos, assim, o quanto a população desenvolve ações contra si mesma, contra sua própria existência. Suas atitudes não são pensadas no bem para as gerações futuras, mas apenas para a sua sobrevivência, mesmo que esta não ofereça qualidade de vida futura. Ainda segundo Rohde (2003, p. 36), “os homens ameaçam seu planeta e tendem a perpetrar um gigantesco suicídio coletivo do qual nada escapará”. Neste contexto, relacionamos esse suicídio com as indagações dos Catadores relacionadas ao comportamento da população durante a separação dos RSR, pedindo uma maior conscientização na separação do material. Uma grande quantidade de RSR chega até os Catadores misturados com outros resíduos, fazendo com que o material perca a qualidade e tenha mau cheiro, dentre outros fatores que afetam o seu trabalho.

É importante ressaltar que todos esses cuidados são oferecidos pelas empresas, mas, talvez, esteja faltando uma orientação dirigida à população: descarte com maior consciência, depositando RSR separados dos RSO e com uma prévia higiene. Para Gouveia (2012, p. 1.503), “observa-se que o inadequado gerenciamento dos resíduos sólidos gera impactos imediatos no ambiente e na saúde, assim como contribui para mudanças climáticas”, corroborando a importância no gerenciamento correto feito pelas cooperativas, associações ou qualquer outro meio que oferece esse tipo de serviço.

Na pergunta seguinte “**Observando em seu trabalho, quais materiais tem um número maior de descarte?**”, 90% dos entrevistados responderam pet; 60%, sacolinha; e 50%, papelão (Quadro 1).

Quadro 1: Materiais com maior número de descarte, segundo os Catadores de Materiais Recicláveis da AAA-SH.

Observando em seu trabalho, quais materiais tem um número maior de descarte?	
CMR	Resposta
P-1	Pet, sacola, latinha e vidro.
P-2	Sacolinha
P-3	Pet.
P-4	Fralda de adulto e criança, e comida. Do reciclável é o papelão.
P-5	Sacolinhas, pet e misto.
P-6	Plástico, papelão, pet e misto.
P-7	Pet, papelão, misto e sacolinha.
P-8	Sacolinha, pet, papelão, misto.
P-9	Pet, sacolinha, papelão.
P-10	Pet, papelão, sacolinha e o cristal.

Fonte: Autoria própria (2023).

Ao analisar as respostas, podemos citar o pet, as sacolinhas e o papelão como campeões entre os RSR, os quais são encontrados em maior quantidade, segundo os Catadores. Em relação ao volume total de materiais recicláveis, recuperados em 2019 por categoria (em mil toneladas), podemos destacar que o papel e o plástico possuem um número diferenciado em relação aos demais materiais, sendo o papel o de maior incidência, com 191 mil toneladas, e o plástico, com 76 mil toneladas (Abrelpe, 2021). É importante lembrar, também, que, segundo dados da Abrelpe (2020) sobre a geração de Resíduo Sólido Urbano (RSU) por regiões, a região sudeste foi a que gerou maior quantidade de RSU, entre os anos de 2010 a 2019, e está à frente nos dados. Em Santa Helena, esse número também é elevado dos demais materiais. O papel, durante o mês da pesquisa, passou de 20 toneladas, mesmo sendo um mês chuvoso e o local de separação improvisado, devido às reformas. O plástico chegou a quase 12 toneladas.

Sobre a questão **“Observando os materiais que você separa dia a dia, acredita ter condições de reaproveitamento?”**, apenas um dos entrevistados não acredita que os materiais separados têm condições de reaproveitamento; os demais pensam que podem ser reaproveitados. Isso demonstra que 90% dos participantes da pesquisa acreditam no potencial de reaproveitamento dos RSR, seja para a venda ou para a reutilização, em outras áreas de atuação – o que corrobora a nossa pesquisa. Um reaproveitamento importante para o homem e para a natureza, o que faz diminuir ou prolongar a vida do material que, no final, acaba indo para o meio ambiente.

Ao indagar **“Você tem por costume reutilizar resíduos sólidos recicláveis? Quais?”**, percebemos que a falta de informação faz com que as pessoas deixem de reutilizar e simplesmente descartem os RSR. Do total, 40% dos entrevistados responderam não terem o costume de reutilizar os RSR – o que representa uma porcentagem significativa, se pensarmos que representam quase a metade dos entrevistados. Percebemos que orientações sobre a EA são necessárias em todos os serviços para uma possível sensibilização referente aos cuidados com o consumo de RSR e a maneira mais adequada de descartá-los, pois muitos poderiam ser reutilizados por diversas vezes antes de seu descarte. Nesta pergunta, os entrevistados que responderam “sim” à pergunta, dizem que reutilizam o pet, potes e sacolinhas.

Na pergunta **“Quais os pontos positivos e negativos que você avalia em relação à reutilização dos Resíduos sólidos recicláveis?”**, nota-se a preocupação dos Catadores em relação às quantidades de RSR que chegam até a AAA-SH, conforme se observa nas respostas (Quadro 2), que nos chamam a atenção, orientando para que as pessoas encaminhem cada tipo de material para seu destino correto. Destacamos, como exemplo, as roupas citadas por um dos entrevistados: “As roupas, por exemplo, podiam separar e levar no CRAS ou no CCICA, para doação; aqui não dá tempo de separar e acaba indo para o orgânico”, o que demonstra seu descontentamento com essas ações, pois poderiam ajudar outras pessoas e, indo para a Associação, essa roupa é separada e encaminhada junto aos rejeitos.

Revbea, São Paulo, V.19, Nº 1: 130-156, 2024.

Quadro 2: Pontos positivos e negativos relativos à reutilização dos RSR, pelos Catadores de Materiais Recicláveis da AAA-SH.

Quais os pontos positivos e negativos que você avalia em relação à reutilização dos Resíduos sólidos recicláveis?	
CMR	Resposta
P-1	Iria ser melhor, não teria tanta coisa, como está ali acumulado, seria melhor para as pessoas, não iriam jogar tanta coisa fora.
P-2	Eu uso fazer isso, muita coisa eu penso pra mim jogar, porque se eu colocar fora amanhã ou depois eu vou precisar.
P-3	O pessoal manda coisa muito boa, vem muita coisa nova pra cá.
P-4	Sim. É bom, pois uma vez até no mercado tinha que levar sua própria sacolinha, em vez de levar tanto para casa. As roupas por exemplo, podiam separar e levar no CRAS ou no CCICA, para doação, aqui não dá tempo de separar e acaba indo para o orgânico.
P-5	Não sei.
P-6	É importante.
P-7	Acho importante.
P-8	É muito importante.
P-9	Bom.
P-10	Se eu reutilizo na minha casa, não preciso mandar aqui na usina e nem para o aterro, que por exemplo agora a gente nem tem aqui. Não vejo ponto negativo porque daí não estou jogando no meio ambiente, nem causando nenhum problema pra nossa saúde e da população inteira.

Fonte: Autoria própria (2023).

Em conversa com alguns Catadores, eles afirmaram que, quando encontram roupas ou algum tipo de material que pode ser reaproveitado, eles fazem a separação, caso não atrapalhe seu rendimento neste processo. Ressalta-se que alguns deles passam por dificuldades devido ao número de dependentes, ou até devido à renda, sendo que nos dias chuvosos não trabalham e isso diminui sua renda mensal (o trabalho não está sendo realizado nos dias de chuva devido à reforma que está acontecendo no barracão).

Os demais entrevistados responderam que acham importante a reutilização. No entanto, mesmo assim, alguns não reutilizam os RS em outra finalidade.

Ao perguntar “**O que você diria à população em relação ao trabalho que realiza, para uma melhor conscientização?**”, foi possível entender o que esses Catadores estão experienciando na separação dos RSR, suas dificuldades, as necessidades para um trabalho mais limpo e que é fundamental que a população faça a separação entre os RSR e os RSO, esclarecendo que isso já melhoraria seu trabalho. As opiniões dos entrevistados (Quadro 3) mostram que são relevantes para a EA, nas ações sustentáveis que auxiliam na diminuição da degradação do meio ambiente, orientando na separação dos resíduos e na valorização do trabalho que eles realizam.

Quadro 3: Opinião dos Catadores de Materiais Recicláveis da AAA-SH, para uma melhor conscientização da população.

O que você diria à população em relação ao trabalho que realiza, para uma melhor conscientização?	
CMR	Resposta
P-1	Em primeiro se cada um (sic) faria sua parte não seria tão ruim pra nós aqui , não seria tão puxado, por que vem muita coisa misturada e não seria difícil separar o material cada um em um local.
P-2	Fica difícil responder.
P-3	Eu acho que são poucas as pessoas que tenham coragem de descer aqui e fazer um serviço que a gente faz, mas se não tivesse essas pessoas com essa coragem, Santa Helena ou qualquer outra cidade estaria em uma situação precária, porque mesmo tendo a usina de reciclagem não temos mais aterro, imagina se todo esse material que a gente separa aqui fosse para o aterro, como estaria, o prefeito paga para ir para outra cidade, porque o nosso está cheio já.
P-4	Ter mais consideração por nós, pois às vezes a gente até fica limpo, mas às vezes ficamos puro barro, tem dia que no almoço eu não tenho coragem de comer, por causa daquele cheiro, e isso era só o pessoal separar um pouquinho certo , o que é nosso e o que é orgânico, o mesmo tempo que leva para separar o nosso você consegue separar o orgânico também, acabam misturando, estamos aqui pra manter a cidade limpa e ganhar nosso salário. Eu sempre disse que o meu trabalho aqui eu não troco por trabalho nenhum, meus filhos brigaram muito para mim sair daqui e trabalhar com carteira assinada e eu falei não, já passou de oito anos aqui ou eu me aposento ou eu fico até que eu puder vai ser aqui meu local de trabalho. E tenho muito orgulho de trabalhar aqui.
P-5	Para terem mais força de vontade e separar mais o material limpo , ajudaria nós na separação.
P-6	Que separassem melhor o material , para melhorar nosso trabalho, seria melhor se viesse separado o reciclável do orgânico.
P-7	Que eles cuidassem mais, prestasse mais atenção pra cuidar mais pra vir melhor pra nós .
P-8	Que eles separassem melhor , pra gente trabalhar melhor.
P-9	Pra eles separarem melhor , pra gente poder mexer com esses materiais, porque é bastante coisa misturada, pra ter um maior aproveitamento.
P-10	Separar melhor o material reciclável lá na casa , porque vem muitos resíduos que nós não utilizamos, por exemplo: papel higiênico, fraldas, pano, filtro de café, batatinha, se isso não viesse já seria condições melhor para nós trabalhar.

Fonte: Autoria própria (2023).

Para 90% desses trabalhadores, a população precisa de muita conscientização no que se refere à separação do RSR e do RSO. Essa separação, citada pelos Catadores, refere-se a todos os RSR que poderiam serem enviados secos se cada indivíduo tomasse consciência ou tivesse conhecimento sobre a perda que acontece devido à qualidade desses materiais. Nesse sentido, entende-se que a informação pode ser um dos passos para a melhoria no trabalho. Porém, o pensamento não nos permite ficar apenas no bem-estar do trabalhador, nos faz ir além, vendo a carga que cada indivíduo tem em ações pensadas para resultados enriquecedores, principalmente quando falamos de bem-estar, referindo-se tanto ao do homem quanto ao da natureza que nos proporciona uma vida de maior qualidade.

Nagai (2023) afirma que

Revbea, São Paulo, V.19, Nº 1: 130-156, 2024.

Procurar conselhos, orientações e receitas para a boa vida, transformou-se em algo tão atraente, tão viciante que muitos sofrem quando não os obtém. Assim, o discurso que responsabiliza o indivíduo pelo seu sucesso ou fracasso, fama ou esquecimento, felicidade ou infelicidade, bem-estar físico e emocional ou o mal-estar, naturalizou-se e o indivíduo não percebe a carga ideológica presente nesse discurso (Nagai, 2023, p. 16).

Entendendo do que a humanidade é capaz, remete-nos a pensar na vida como um todo, justamente isso que é deixado de lado: a visão do todo, do longe, do que vem em frente, do que se está preparando para o futuro.

Ao observarmos a Figura 3, é possível perceber o descaso com esses Catadores. Passam pelas suas mãos tantos tipos de materiais e muitos com diversos tipos de micro-organismos e insetos devido à sujeira. São situações que poderiam ser evitadas se as pessoas fizessem uma simples higiene em alguns materiais antes do descarte. Citamos como exemplo uma caixa de leite que, em poucos dias, se descartada sem uma prévia higienização, pode gerar a proliferação de fungos e bactérias e, ainda, o mau cheiro citado pelos Catadores.



Figura 3: Resíduos Sólidos Orgânicos encontrados dentro das embalagens de Resíduos Sólidos Recicláveis. **Fonte:** Autoria própria (2023).

Com a pergunta **“Você utiliza/pratica conceitos de Educação Ambiental e sustentabilidade em seu dia a dia em sua casa ou na rua? Quais?”**, analisamos que não apenas em seu trabalho como também em seu dia a dia comum os Catadores praticam os conceitos de EA, separando e cuidando dos locais pelos quais passam. Segundo os sujeitos da pesquisa, até mesmo na rua, se observarem algum RSR jogado no chão, recolhem e

colocam em um local adequado. Podemos observar (Quadro 4) que os entrevistados citaram as práticas de EA em suas casas, na rua, separando o material reciclável nos dois locais, recolhendo até mesmo papel de bala quando encontram no chão.

Quadro 4: Utilização de conceitos de Educação Ambiental e sustentabilidade no dia a dia dos Catadores de Materiais Recicláveis.

Você utiliza/pratica conceitos de Educação Ambiental e sustentabilidade em seu dia a dia em sua casa ou na rua? Quais?		
CMR	Sim/Não	Resposta
P-1	Sim	Desde o lixo no chão, na rua não jogo no chão nem o papel da bala, separo a comida em casa também.
P-2	Sim	Se eu vejo perto da minha casa eu não tenho vergonha, vou catando, coloco na sacolinha e levo no lixeiro.
P-3	Sim	Não jogar as coisas na rua e separar tudo certinho.
P-4	Sim	A gente na rua até teve gente que foi ignorante, mas tenho duas filhas pequenas uma de dez e outra de seis anos eu chupei uma bala e joguei o papel e a mais velha correu e disse mãe onde você trabalha (isso eu te juro) você não pode fazer isso, não é assim que você ensina nós em casa, as pessoas precisam ter consciência pelo ser humano e aqui em baixo somos todos iguais, não é por trabalhamos aqui que somos diferentes, pra Deus somos todos iguais.
P-5	Sim	Porque em casa eu separo tudo e a gente vê que os outros também podem fazer isso.
P-6	Sim	Separo tudo, na minha casa o que é reciclável é tudo separadinho.
P-7	Sim	Separo e deixo organizado.
P-8	Sim	Em casa separo tudo, na rua também se der pra pegar a gente pega e separa.
P-9	Sim	Separo alguns materiais, pet, sacola, caixinha de leite.
P-10	Sim	Na minha casa assim, tenho um balde do reciclável, orgânico e do banheiro. Aqui vinha muita visita de crianças e era passado pra elas isso precisa passar água, porque faz ficar difícil pra mim aqui, eu estou passando pra eles os cuidados que deve ter.

Fonte: Autoria própria (2023).

Por meio do Quadro 4, podemos perceber que a separação feita pelos Catadores não acontece apenas em suas casas, mas também essa prática se estende socialmente. Apesar de ser uma EA pragmática cujo sentido remete à reciclagem, reutilização, praticam conceitos de EA e sustentabilidade de certa forma. É a percepção em suas práticas do dia a dia que os fazem ter a consciência e a preocupação com essas situações (de ver lixo na rua) quando avistadas. Outras ações promovidas por eles e citadas durante a entrevista comprovam a prática de conceitos de EA, como os dizeres: “separo tudo certinho”, “deixo organizado os materiais na minha casa”. São ações simples que ajudam nos trabalhos desses Catadores.

Revbea, São Paulo, V.19, Nº 1: 130-156, 2024.

Essas práticas precisam se expandir para que melhoras significativas aconteçam, como ressalta Silva *et al* (2022):

A concepção ambiental é entendida de diferentes maneiras por diversos autores, amparada pela diversidade de comportamentos, onde na maioria são as ações humanas as responsáveis pelos problemas ambientais que afetam nossa qualidade de vida, por isso vários estudos, voltados à multidisciplinaridade/inter e transdisciplinaridade são introduzidos no ambiente escolar, pensando em atividades educativas que possam fomentar ações sustentáveis (Silva *et al*, 2022, p. 20).

Não podemos pensar em pertencimento, é necessário entender que precisamos do bem-estar do ambiente para a sobrevivência. Para Silva *et al* (2022), “[...] o homem vê o ambiente como recurso, onde o que faz parte da natureza como plantas, animais, água, faz parte dos recursos para a sobrevivência humana”. Não seria apenas para sua sobrevivência, mas para a sobrevivência como um todo, não é só o homem que necessita das coisas ofertadas pela natureza, o que o homem precisa é “cuidar”.

Finalizando com a pergunta **“Por que você escolheu ser Catador de Materiais Recicláveis?”**, os Catadores puderam relatar (Quadro 5) se foi uma escolha ou quais as necessidades em optar por ser Catador. Para muitos, esse trabalho é uma continuidade das práticas laborais dos familiares que já trabalharam ou que ainda trabalham com a recolha e separação de materiais recicláveis. Outros apontam as dificuldades que passaram em outros serviços, ou mesmo a carência de outros tipos de emprego, sendo a Associação um local onde puderam ter a facilidade em encontrar uma vaga, principalmente por já haver alguém da família trabalhando naquele espaço.

Quadro 5: Opiniões dos Catadores da AAA-SH sobre a escolha pelo trabalho de Catador de Material Reciclável.

Por que você escolheu ser Catador de Material Reciclável?	
CMR	Resposta
P-1	Minha mãe trabalha há 8 anos e ela sempre me incentivou a vir trabalhar com ela.
P-2	Morava no Paraguai e pensava em vir para cá, porque onde eu ia trabalhar, nunca trabalhei fora, sempre na roça , aí minha irmã chamou, e eu vim e gostei.
P-3	Não foi uma escolha, foi o único lugar que eu consegui emprego , há 4 anos quando meu pai faleceu foi o único lugar que abriu as portas, nesses 4 anos alguns me chamaram para trabalhar, mas como quando precisei foi aqui que abriram as portas então a gente não dá as costas.
P-4	Meu padraсто trabalhava aqui e ele já faleceu há quatros, ele convidou e eu disse que ia ver, e o Valdo disse que achava que não ia ficar uma semana e eu gostei, gostei da família dele, eu amo o trabalho que faço aqui, gosto do meu trabalho, se você chegasse e dissesse eu te pago dois salários pra trabalhar na minha casa eu não ia, eu me apeguei aqui.

Continua...

...continuação.

Por que você escolheu ser Catador de Material Reciclável?	
CMR	Resposta
P-5	Por que eu gosto desse trabalho, me acostumei e é um trabalho digno a qualquer uma pessoa.
P-6	Porque eu gosto muito do que eu faço, adoro meu trabalho, amo o que eu faço, e pretendo ficar aqui até me aposentar.
P-7	Não foi uma escolha eu precisei e vim trabalhar aqui.
P-8	Porque eu gosto e vou ficar aqui até me aposentar.
P-9	Meu pai e minha mãe já trabalhavam com isso aí eu fui me aprimorando, aí eu vim e gosto, não pretendo sair.
P-10	Quando eu era solteira eu trabalhava na roça, aí não deu para estudar, aí como não estudei comecei trabalhar de doméstica, diarista, fui procurando alguma coisa, mas sempre deixando o estudo de lado, e daí quando cheguei aqui em Santa Helena, no começo da reciclagem eu já catava esse material como o papelão, o pet, o material, mais caro, a latinha também. Eu catava separava na minha casa. Assim não era separadinho como aqui por cor, tamanho, eu misturava o papel com outros. Aí eu vendia avulso. Aí surgiu a associação, e eu fui chamada porque já mexia com isso, hoje eu gosto disso e amo o que eu faço.

Fonte: Autoria própria (2023).

As respostas demonstram que 50% dos participantes executam esse trabalho por necessidade, por falta de opção e escolarização, buscando nesse emprego uma condição para sua sobrevivência. Tal cenário nos remete ao que Paulo Freire (2005) discute sobre a situação dos oprimidos, ou seja, muitos sujeitos não têm a opção de escolher o trabalho que dignifica o homem; aceitam o que é ofertado, o que se encaixa em sua condição atual. Ele nos alerta para a condição de alienação, à qual somos submetidos quando suprimimos nossa liberdade:

Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, imersos na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la. E a temem, também, na medida em que lutar por ela significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus proprietários exclusivos, mas aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões (Freire, 2005, p. 37-38).

Para os Catadores, percebemos que o medo pode ser um dos fatores que os fazem permanecer nesse trabalho, colocando a escolarização como empecilho, não sentindo necessidade da busca por outra oportunidade, não se libertando do opressor, mas, sim, sentindo-se oprimido e permanecendo da mesma maneira. A falta de confiança, muitas vezes, torna incapaz a busca pelo novo. Para Freire (2005, p. 29), é necessário reconhecer-se para que assim consiga se libertar. Alguns, talvez, se acomodaram, sentindo que ali é seu lugar e, mesmo ainda tendo algumas necessidades, estão satisfeitos com o que fazem. De certa maneira, os menos favorecidos consolam-se com o

Revbea, São Paulo, V.19, N° 1: 130-156, 2024.

pão recebido diariamente. Buscar outras fontes de renda, nas atuais condições de escolaridade e experiência profissional, pode representar um risco ao cargo atual que custeia irrisoriamente suas vidas, mas que é a única fonte financeira que possuem.

O trabalho realizado pelos Catadores nos permite aguçar nossa visão sobre a importância que a população tem nesse processo, ou seja, em que cada um é responsável, também, de certa maneira, pela qualidade desse serviço de coleta e separação. É necessário o conhecimento do que é feito pelos Catadores para que todo esse RSR, visto por muitos como lixo, seja recolhido e encaminhado para um destino que não seja o meio ambiente. Cada um de nós deveria refletir mais sobre nossas ações e influências no processo da EA. Floriani e Knechtel (2003, p. 33) afirmam que “uma reflexão sobre os antecedentes das relações entre homem, natureza, sociedade e Educação, leva-nos à certeza da influência do meio natural no desenvolvimento das civilizações, nas atitudes humanas em relação à natureza [...]”. É preciso que a humanidade entenda o que cada um pode fazer para melhorar a relação do homem com a natureza, para que tenhamos um meio ambiente mais limpo, agradável, sem a preocupação iminente com os impactos ambientais que vem sendo causados pelo homem. É importante expandir esse olhar para o que realmente é esse meio em que vivemos.

Para Dulley (2004),

Portanto, o respeito apenas ao ambiente no sentido estrito (antropocêntrico), equivocadamente confundido com o meio ambiente humano, limitar-se-ia aos elementos conhecidos da natureza que são indispensáveis para o sistema social produtivo humano e para a sobrevivência da espécie humana, tanto local quanto planetariamente. É, portanto a capacidade do homem de pensar a natureza, pensada em seu sentido amplo (envolvendo todas as espécies conhecidas), que lhe permite pensar todos os meios ambientes compondo o ambiente (Dulley, 2004, p. 20).

Os Catadores realizam, de certa forma, um trabalho de cunho social, o qual atinge toda população e todas as espécies. A preocupação desses Catadores com o meio ambiente vai além do bem-estar do homem e isso também impacta na vida dos demais seres existentes, que dependem de um lugar sem poluição para sua sobrevivência. O pensamento dos Catadores faz com que desenvolvam seu trabalho com amor, pensando no bem comum ao recolherem e separarem esses RSR, favorecendo não só a limpeza do município como também mantendo o meio ambiente mais limpo, diminuindo a quantidade de lixo nas ruas que vai para a natureza. Layrargues (2002, p. 13) elucida que “a reciclagem do lixo produzido pelo consumo, apesar de importante, resolve apenas uma diminuta fração do problema”, mostrando, com

isso, que o consumismo da população leva a um número exagerado de produção de lixo e, mesmo os municípios oferecendo o trabalho de coleta para uma futura reciclagem, esse trabalho não atinge o grande número de materiais produzidos e consumidos, e todo esse material tem como destino final o meio ambiente. Layrargues (2002, p. 17) define esse problema: “A reciclagem pode mesmo ser o traço de união entre produção e consumo, mas é também a alienação do consumismo como fator de degradação ambiental e engrenagem dos mecanismos sociais de acumulação de capital e concentração de renda.” O pensamento é sempre voltado para a questão do capital, nunca para o que é melhor ao meio ambiente; não importa o que está sendo afetado com essas ações – o foco é o aumento de riqueza. Para Ribeiro e Cavassan (2013, p. 61-76), a consciência é de cada indivíduo em seu particular, cada um é responsável pela sua ação. Acabamos sentindo juntos, com ações que muitas vezes são de poucos, mas sabemos que cada um é único e pode fazer o melhor e, assim, favorecer o que está a seu alcance.

Oliveira e Carvalho (2023) afirmam que

É sabido que a obsolescência programada se configura como um tema transversal que perpassa por várias áreas da vida em sociedade. Tem forte ligação com a globalização e com o consumismo desenfreado que a sociedade globalizada vem experienciando. Com o passar dos anos, a prática de reduzir a vida útil dos objetos se tornou frequente, como, por exemplo, fabricar eletrodomésticos com vida útil curta, trazendo a necessidade de reposição efêmera para o consumidor. (Oliveira; Carvalho, 2023, p. 248).

Há alguns anos, o descarte de resíduos sólidos vem aumentando. Muitas vezes, são materiais que poderiam ser reutilizados, mas, pela maneira como cada um vê suas necessidades ou utiliza do consumismo, isso vem se alastrando sempre mais. Para Nagai (2023, p. 17), “o consumismo, em sua forma atual, está fundado sobre o desejo (sobre a liberação de fantasias desejosas) e sobre o querer, considerados como força motivadora do consumo.” A força do querer, sem necessidade de ter, o desejo que é incontrolável.

Essa visão deixa clara a diferença entre o pensamento dos Catadores e o descaso da população, visto que, com o pouco que ganham, realizam o trabalho de coleta e separação para obterem seu sustento, atividade laboral regada, às vezes, pelo descaso da população cujos resíduos sólidos não são separados corretamente, transmutando em desvalorização social dessa profissão e impactando negativamente sobre o ambiente que será destinado às futuras gerações.

A entrevista nos proporcionou um conhecimento reflexionado sobre o trabalho desenvolvido pelos Catadores, percebendo a relevância que esse ato laborativo tem em nossa realidade. Nós, enquanto pesquisadores, esperamos

Revbea, São Paulo, V.19, Nº 1: 130-156, 2024.

um pensamento crítico e consciente da população por meio de ações e das contribuições que a pesquisa trará ao nos referirmos à sensibilização em relação à separação e, também, sobre a maneira de descartar seu RS, tendo consciência de que a separação correta, visando reutilizar seus RSO e os RSR, podem diminuir esses materiais em nosso meio ambiente.

Considerações finais

Os Catadores enfrentam diversas dificuldades no dia a dia em seu trabalho, sendo que a principal é a separação do material feita ainda em casa pelas pessoas. É preciso um olhar da população voltado à importância que esse serviço possui na destinação ambiental do lixo, para o homem em seu ambiente como também para seu bem-estar, que é imprescindível para a vida humana, uma natureza rica em beleza em que o homem pode desfrutar do meio natural saudável. Os Catadores pedem uma separação correta, de forma seletiva, para um melhor aproveitamento do material, como já vivenciaram em outros tempos, para que não precisem passar por situações tão difíceis em seu trabalho. O que dificulta o trabalho dos Catadores é a situação dos RSR recolhidos e manipulados por eles, a má qualidade oferecida pela população devido às condições de descarte, com muito RSO misturado. É entristecedor para eles realizarem a separação, pois o mau cheiro causado pela mistura do RSO é muito forte. O trabalho realizado por esses Catadores é de verdadeiros guerreiros, demonstrando a cada dia sua força de vontade e preocupação com a questão ambiental, com todo o lixo produzido pela humanidade, responsáveis pelo desequilíbrio ambiental. Se pensarmos nas gerações futuras, é preciso uma visão diferenciada nas ações humanas que possa intervir no abuso do consumismo e, muitas vezes, no “status”, indo além do que se julga necessário.

Para os Catadores, o facilitador seria apenas a separação correta, encaminhando para eles apenas os RSR, podendo, ainda, fazer uma prévia higienização para evitar a proliferação de micro-organismos, causadores de doenças. Isso tudo foi algo que nos tocou e nos deixou pensativos, principalmente em relação ao descarte feito pela população, despertando em nós a necessidade de orientação a essas pessoas, para que vejam com carinho e respeito o trabalho do outro, levando as informações sobre as condições que os Catadores estão vivenciando e tentando oferecer um ambiente mais agradável.

A luta por melhorias nos impactos ambientais é constante e sempre será, com ações que podem ser iniciadas em comportamentos diários de cada indivíduo. Mesmo sabendo que somos únicos, cada um com seu comportamento particular e com costumes diferentes, alguns hábitos precisam de direcionamentos positivos, de novos pensamentos para o que realmente é favorável ao meio ambiente, procurando seguir a direção de ser sustentável, de seres preocupados com a natureza, o que fará parte de sua jornada diária. Para isso é necessário publicações com orientações e trabalhos educativos. É

com persistência que buscaremos a consciência para uma vida ambientalmente adequada, homem e natureza juntos, levando informações que possam auxiliar nas ações que possibilitam adequações nos trabalhos realizados a favor do meio ambiente. A qualidade no trabalho é um dos pontos fundamentais para o crescimento em qualquer serviço ou empresa e por essa qualidade que os Catadores lutam há muitos anos, espalhando orientações que possam contribuir em suas funções. Nessa mesma luta, buscaremos levar a real condição que cada Catador enfrenta, até alcançar a sensibilização das pessoas a respeito a esse trabalho e aos trabalhadores.

Referências

ABRELPE. **Panorama dos resíduos sólidos 2020**. Disponível em: <<https://abrelpe.org.br/panorama/>>. Acesso em: 19 de dez. de 2021.

ABRELPE. **Panorama dos resíduos sólidos 2021**. São Paulo: ABRELPE, 2021. Disponível em: < <https://abrelpe.org.br/panorama-2021/>>. Acesso em: 28 de mar. de 2022.

Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável [internet]. Brasil. IPEA; PNUD, 2015. [acesso em 17.11 23]. Disponível em: <[Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável | As Nações Unidas no Brasil](#)>.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edição 70, 1977.

BRASIL. **Sistema de Indicadores Sociais**: Uma análise das condições de vida da população brasileira. IBGE, 2021.

BRASIL. **Lei nº 6.514**, de 22 de dezembro de 1977. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6514.htm>. Acesso em: 05 de maio de 2022.

BRASIL. **Política Nacional dos Resíduos Sólidos – PNRS**. lei nº 12.305/10. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm>. Acesso em: 05 de maio de 2022.

CASTILHOS JUNIOR, A. B.; RAMOS, N. F.; ALVES, C. M.; FORCELLINI, F. A.; GRACIOLLI, O. D. Catadores de materiais recicláveis: análise das condições de trabalho e infraestrutura operacional no Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, p. 3.115-3.124, 2013.

DIAS, V. S. MORAIS, C. R. da S. SALES, J. de L. **Capacitação das Catadoras do CAVI no desenvolvimento da tecnologia de reciclagem de vidros**. In: Catadores de Materiais Recicláveis - Um encontro nacional. Editora IPEA, Rio de Janeiro, 2016.

DULLEY, R. D. Noção de Natureza, Ambiente, Meio ambiente, Recursos ambientais e Recursos naturais. **Revista de Economia Agrícola**. IEA – Instituto de Economia Agrícola. São Paulo, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 15-26, 2004.

FLORIANI, D.; KNECHTEL, M. R. **Educação Ambiental, Epistemologia e Metodologias**. Curitiba: Vicentina, 2003. 143p.

FRANCO, M. L.P. B. **Análise de Conteúdo**. 2 ed. Brasília: Liber, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GOUVEIA, Nelson. Resíduos sólidos urbanos: impactos socioambientais e perspectiva de manejo sustentável com inclusão social. **Ciência e Saúde Coletiva**, São Paulo, SP. v. 17, n. 6, p. 1503-1510, 2012.

LAYRARGUES, P. P. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a Educação Ambiental. In: LOUREIRO, F., LAYRARGUES, P., CASTRO, R. (Orgs.) **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002, 179-220p.

LEFF, E. **Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LEMOS, M. V. D. Discussão preliminar sobre a Educação Ambiental na escola Santa Teresa, Chiador (MG). **Revista Brasileira de Educação Ambiental**. Revbea. São Paulo, V. 18, Nº 6: p. 52-70, 2023.

LUTTNER, C. M. A. SILVA. L. R. FERREIRA. L. C. D. **As experiências das diferentes formas de remuneração em associações e cooperativas de catadores de materiais recicláveis dos municípios da região metropolitana de Belo Horizonte: entre desafios e possibilidades na economia solidária**. In. Catadores de Materiais Recicláveis - Um encontro nacional. Editora Ipea, Rio de Janeiro, 2016.

MEDEIROS, L. F. R.; MACEDO, K. B. Catador de Material Reciclável: Uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia & Sociedade**; 18 (2): 62-71; mai./ago. 2006.

MELO, J. P. de; CHAGAS, K. K. do N.; GIESTA, J. P. Análise da realização de práticas em Educação Ambiental e Sustentabilidade na Educação Básica. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v.18, n.6: pp.13-27, 2023.

MENDES, R. M.; MISKULIN R. G. S. A análise de conteúdo como uma metodologia. **Cadernos de Pesquisa**, v.47, n.165, p. 1.044-1.066, 2017.

NAGAI, A. P. R. **Arte e Meio Ambiente nas representações sociais dos professores de arte da Rede Pública Estadual de ensino de Cascavel e Região Oeste**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais – PPGCA. Toledo, PR. 2023. (no prelo)

OLIVEIRA, M. S.; CARVALHO, A. C. Educação Ambiental como Instrumento de Política Pública contra o descarte desordenado de resíduo tecnológico. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v.18, n.5: pp.245-260, 2023.

PROGRAMA CIDADE SUSTENTÁVEL: **Programa de coleta seletiva** – Santa Helena – Paraná. Disponível em: <<https://2013-2016-indicadores.cidadessustentaveis.org.br/br/PR/santa-helena/boa-pratica/295/programa-de-coleta-seletiva>>. Acesso em: 14 de jan. de 2022.

RESUMO EXECUTIVO. **Pesquisa Ciclosoft** realizada pela MAPA.SA sob encomenda do CEMPRE, 2020. Disponível em: <<https://cempre.org.br/pesquisa-ciclosoft/>>. Acesso em: 5 de nov. de 2022.

RIBEIRO, J. A. G.; CAVASSAN, O. The concepts of environment, environment and nature in the context of environmental issue: defining meanings. **GÓNDOLA, Enseñanza y Aprendizaje de las Ciencias**, v.8, n.2, julio-diciembre del 2013, pp.61-76.

ROHDE, G. M. **Economia Ecológica da emissão antropogênica de CO2**. Uma abordagem filosófico-científica sobre a efetuação humana alopoiética da terra em escala planetária. Porto Alegre, 2003.

SILVA, C. E. P. N. da; SCHNEIDER, E. M.; HILGERT, N. R. S.; MOURA, N. K.; WALKER, M. R. Educação Ambiental e Macrotendências: uma análise nos periódicos da capes entre 2016 e 2021. In. SENHORAS, E. M. **Educação Ambiental: Marcos Epistêmicos**. Editora IOLE, Boa Vista, RR. 2022.

SIMONETTO, E. O.; BORENSTEIN, D. Gestão operacional da coleta seletiva de resíduos sólidos urbanos: abordagem utilizando um sistema de apoio à decisão. **Gestão & Produção**, v. 13, n. 3, p. 449-461, 2006.